



Journal homepage:  
<http://periodicos.unis.edu.br/index.php/agrovetsulminas>

## HIPERSENSIBILIDADE ALIMENTAR EM CÃES: UMA REVISÃO

### *FOOD HYPERSENSITIVITY IN DOGS: A REVIEW*

Rebeka Machado De Oliveira<sup>1</sup>

João Pedro Rocha Costa<sup>2</sup>

Breno Tavares Prado<sup>3</sup>

Elizângela Guedes<sup>4</sup>

Sávio Tadeu Almeida Júnior<sup>5</sup>

Breno Henrique Alves<sup>6</sup>

### RESUMO

A hipersensibilidade alimentar é uma desordem cutânea, que vem causando problemas na vida dos animais. A sua principal característica é o prurido oriundo da ingestão de alimentos antigênicos presente na dieta, onde as proteínas são as principais indutoras dessa afecção. Devido a esse problema, nos últimos anos, vem sendo notado que o perfil nutricional de cães vem mudando, e atualmente os tutores têm buscado orientações profissionais e estão cada vez mais preocupados com a saúde dos seus animais, investindo em uma alimentação natural e equilibrada, visto os problemas causados pela hipersensibilidade alimentar. Porém o assunto ainda gera dúvidas e desta forma se torna de extrema importância estudos mais profundos sobre a hipersensibilidade alimentar e suas causas, afim de um maior entendimento e um diagnóstico mais preciso,

<sup>1</sup> Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS. Varginha, Minas Gerais, Brasil.

<sup>2</sup> Professora pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Reprodução, Sanidade e Bem-Estar Animal da Universidade Professor Edson Antônio Velano – Unifenas campus Alfenas e docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS Varginha, Minas Gerais, Brasil.

<sup>3</sup> Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS.

<sup>4</sup> Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS. Discente do Programa de Pós Graduação em Ciências Veterinárias, da Universidade Federal de Lavras – UFLA. Varginha, Minas Gerais, Brasil.

**OLIVEIRA, Rebeka; COSTA, João Pedro; PRADO, Breno; GUEDES, Elizângela; ALMEIDA, Savio; ALVES, Breno. Hipersensibilidade Alimentar em Cães.**

---

visto que, depois da identificação do alérgeno responsável, fica mais fácil providenciar o tratamento, resultando em uma melhor qualidade de vida do animal. Sendo assim, essa pesquisa objetivou realizar uma revisão bibliográfica sobre a hipersensibilidade alimentar canina elucidando os principais aspectos da doença, tais como diagnósticos e tratamentos.

**Palavras-chave:** Alergia, alérgenos alimentares, prurido

### **ABSTRACT**

Food hypersensitivity is apparently a disorder that has been causing problems in the lives of animals. Its main characteristic is itching resulting from the ingestion of antigenic foods present in the diet, where proteins are the main inducers of this condition. Due to this problem, in recent years, it has been noticed that the nutritional profile of dogs has been changing, and currently owners have sought professional guidance and are increasingly concerned about the health of their animals, investing in a natural and balanced diet, seen the problems caused by food hypersensitivity. However, the subject still raises doubts and therefore, more in-depth studies on food hypersensitivity and its causes become extremely important, in order to achieve greater understanding and a more accurate diagnosis, since, after identifying the responsible allergen, it becomes easier to provide treatment, resulting in a better quality of life for the animal. Therefore, this research aimed to carry out a literature review on canine food hypersensitivity, elucidating the main aspects of the disease, such as diagnoses and treatments.

**Keywords:** Allergy, food allergens, itching.

## **1. INTRODUÇÃO**

O perfil nutricional de cães mudou nos últimos anos, atualmente, os tutores estão cada vez mais preocupados com seus animais, investindo em alimentação natural e equilibrada conforme a necessidade de cada animal. (JÚNIOR et al., 2020).

A hipersensibilidade alimentar (HA) é apontada como uma desordem cutânea, que manifesta a principal característica o prurido oriundo da ingestão de alimentos antigênicos presente na dieta, onde as proteínas são as principais indutoras dessa afecção. Faz -se a terceira dermatose de caráter alérgico mais comum, sendo especificamente mais observada na espécie canina, superada pela dermatite alérgica a picada de ectoparasitas (DAAP) e a dermatite atópica canina (RONDELI; COSTA, 2015).

Alguns tipos de alérgenos contribuem mais para a alergia nos cães, que são carnes bovina, cordeiro e frango, leite e o trigo, com isso, quando se há suspeita da doença, são

os primeiros alimentos a serem testados nas dietas dos animais para a verificação de qual desses podem causar a alergia (CENTURIÃO, 2022).

O diagnóstico da hipersensibilidade alimentar é feito através da dieta de eliminação, que consiste em retirar da alimentação do animal todos os ingredientes que ele já tenha ingerido anteriormente, e reintroduzi-lo aos poucos. (JÚNIOR et al., 2020).

Apesar da dificuldade do diagnóstico e tratamento da hipersensibilidade alimentar, o prognóstico são considerados favoráveis, mediante a regressão dos sinais clínicos e do controle das crises alérgicas, com uma boa terapia medicamentosa e com uma dieta apropriada para o animal (SILVA, 2022). Desta forma, essa pesquisa objetivou realizar uma revisão bibliográfica sobre a hipersensibilidade alimentar canina elucidando os principais aspectos da doença, tais como diagnósticos e tratamentos.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 Hipersensibilidade alimentar**

A hipersensibilidade alimentar ou dermatite trofoalérgica, também conhecida como alergia alimentar ou hipersensibilidade cutânea inclui-se entre as dermatopatias de origem alérgica e, na espécie canina, é a terceira em importância quanto à frequência. Ela se constitui por uma manifestação imunológica anormal em resposta imunológica do organismo a um ingrediente alimentar. Isso pode ocorrer quando um dos componentes da dieta, não sofre o processo de digestão e o organismo os absorve intactos pela mucosa gastrointestinal (HNILICA, 2018). Alguns animais, como os cães têm predisposição a ficarem alérgicos, quando exposto frequentemente a ingredientes encontrados em dietas comerciais (ARAUJO, 2021).

A alergia alimentar não possui cura e a ausência dos sinais clínicos depende exclusivamente em se evitar o consumo dos alérgenos, contribuindo para melhoria do bem-estar tanto dos tutores, quanto dos cães (ARAUJO, 2021). Ela é considerada umas das doenças que mais estressam os animais, normalmente, quando acontece a hipersensibilidade alimentar, o anticorpo acionado é o IgE. Porém, nem todas as reações alérgicas alimentares são mediadas pelo isótipo IgE. Em alguns casos, podemos encontrar o isótipo IgG. A combinação de um alérgeno com IgE, específica fixada em mastócitos

teciduais, ou em basófilos circulantes provoca a liberação de histamina, serotonina e cininas, minutos ou horas após a ingestão (TIZARD, 2019).

A doença acomete animais de qualquer faixa etária, ocorrendo em indivíduos com idade variando entre 4 meses e 14 anos, sendo que mais de um terço dos casos são de animais com idade inferior a um ano (SANTOS; ALÉSSIO, 2016). E os sinais clínicos de alergia alimentar em cães, podem ocorrer com uma ingestão de pequena quantidade de proteína alimentar, que o mesmo seja alérgico (HNILICA, 2018).

Não há predisposição sexual e pode ser mais prevalente nos filhotes que foram desmamados de forma precoce, tal fato pode ser explicado pela imaturidade do intestino nestes animais e consequentemente uma maior permeabilidade, permitindo a passagem de moléculas com potencial antigênico através da mucosa e sensibilização do indivíduo (ARAUJO, 2021).

Os sinais dessa manifestação imunológica anormal podem se confundir com dermatite alérgica à picada de pulgas, dermatite atópica canina e até mesmo alergia medicamentosa (MENCALHA, 2019). Porém, na grande maioria dos animais que chegam ao médico veterinário com sinais de alergia alimentar, observa-se que o animal ficou exposto ao alimento por pelo menos dois anos antes de apresentarem os sinais (HNILICA, 2018).

## **2.2 Etiopatogenia**

A alergia alimentar e a intolerância alimentar são reações que muitas das vezes são confundidas, mas cada uma possui sua peculiaridade. A alergia alimentar em cães é caracterizada pela resposta exagerada do sistema imune a antígenos alimentares que, normalmente, não provocam reação em um animal saudável, podendo provocar diarreia e/ou reações cutâneas (MULLER, 2018). O sistema gastrointestinal e imunológico trabalham juntos para evitar as respostas alérgicas a alimentos, fornecendo uma barreira que evita a absorção dos antígenos (ALCALÁ, 2019).

Já a intolerância alimentar é caracterizada por alterações metabólicas como disfunção enzimática, não havendo na reação, participação do sistema imunológico. A intolerância alimentar é uma reação que ocorre após a ingestão de um alimento ou

componente de um alimento em uma quantidade que geralmente há tolerância, no entanto, o sistema imune não media esta reação (ROBLES; PRIEFER, 2020).

Em relação ao mecanismo da alergia, ele se inicia quando o alérgeno entra em contato com a célula, onde a partir disso as células plasmáticas iniciam uma superprodução de anticorpos IgE, que se ligam aos mastócitos. Quando o alérgeno entra no corpo pela segunda vez, os anticorpos IgE reagem e os mastócitos liberam histamina e outros mediadores alérgicos, como as interleucinas, causando a reação alérgica (CAMPOS, 2017).

Os componentes alimentares como ovos, arroz, batata, milho, trigo e soja são as fontes alergênicas mais frequentes para os cães, sendo responsáveis pela indução de reações alérgicas em diversos órgãos, como a pele, os olhos e os sistemas respiratório e digestivo (MARTINS, 2018).

### **2.3 Fatores predisponentes**

Os fatores que contribuem para a tolerância imunológica contribuem para o desenvolvimento das reações alérgicas, essas reações podem ter um efeito imunológico que incluem uma reação alérgica conhecida como anafilaxia, uma reação imunológica aguda mediada por imunoglobulinas lise (ruptura da membrana plasmática) das células da mucosa (mastócitos) que liberam substâncias irritantes que causam as coceiras na pele (TIZARD, 2019).

Os alérgenos específicos que causam problemas nos animais são fracamente documentados. Em cães, entende-se que os principais antígenos alimentares que contribuem para a alergia são carne (bovina, cordeiro e frango), produtos lácteos, ovo de galinha, trigo e soja com isso, quando se há suspeita da doença, os primeiros alimentos a serem testados nas dietas dos animais seria esses para a verificação de qual desses alimentos está causando a alergia (MUELLER; OLIVRY, 2016). No entanto, qualquer proteína alimentar é um potencial alérgeno (PRÉLAUD; HARVEY, 2006; ROUDEBUSH; GUILFORD; JACKSON, 2010).

Agora, em questão de idade, sexo ou gênero do animal, não existe nenhuma predisposição, mas a maioria dos casos de alergia ocorre quando um animal fica exposto ao alimento em particular por dois ou mais anos. Algumas raças como Cocker, Labrador,

Golden Retriever, West Highland White Terrier, Dálmata e Pastor Alemão são mais afetadas. (OLIVRY; MUELLER, 2019).

Em torno de 40% dos caninos que apresentam manifestações cutâneas desenvolvem os sinais clínicos até um ano. O grande número de alimentos que causam as reações alérgicas tende a ser da grande variedade de ingredientes incluídos nas rações comerciais, bem como dos métodos utilizado no processamento industrial (ARAÚJO, 2021). Existem relatos de mais de 6000 alimentos envolvidos em reações de hipersensibilidade alimentar, que são predominantemente proteínas ou glicoproteínas, sendo geralmente termoestáveis, solúveis em água e resistentes a ação de ácidos e enzimas proteolíticas (DURANTI, 2011).

As glicoproteínas alergênicas têm altos pesos moleculares, entre dez a 70 kDa. Essas proteínas são hidrossolúveis, termoestáveis e resistentes a ácidos e a digestão proteolítica (PRÉLAUD; HARVEY, 2006). Os fatores que determinam quais proteínas são os alérgenos mais importantes não está completamente entendido (ARAÚJO, 2021). Segundo Verlinden et al. (2006), a imunogenicidade e a estabilidade da proteína desempenham importante papel. Alérgenos alimentares mantêm sua imunogenicidade apesar de diferentes tratamentos: muitos alérgenos são parcialmente resistentes ao calor e a ácidos e podem resistir ao processo digestivo.

Porém, parece que a alergenicidade pode ser influenciada pelo processo alimentar: desnaturação de proteínas pode destruir velhos epítomos (determinantes antigênicos) ou expor novos, com uma redução e um aumento da alergenicidade, respectivamente (VERLINDEN et al., 2006). Os animais com dermatite trofoalérgica podem apresentar reações a mais de um alérgeno e, ainda, terem reações cruzadas entre alguns antígenos alimentares do mesmo grupo alimentar (PRÉLAUD; HARVEY, 2006; ROUDEBUSH; GUILFORD; JACKSON, 2010). Em questão dos corantes, eles não causam alergia alimentar aos cães e nem fazem mal, são utilizados apenas para colorir os alimentos, já os conservantes não foi encontrado na literatura dados que comprovam a sua influência no aparecimento de alergia alimentares (Araújo et al., 2021).

## 2.4 Sinais clínicos

Os sinais clínicos mais observado é o prurido não sazonal, que não é patognomônico e se apresenta em regiões de face, orelha, membros, região de pescoço e períneo, podendo haver lesões cutâneas papulares nessas regiões (Figura 1) (ALÉSSIO, 2017). Outro sinal clínico da dermatite alérgica alimentar é piodermite superficial recorrente (Figura 2), que se pode manifestar como foliculite, furunculose e pododermatite (HARVEY, 2006).

**Figura 1:** Lesão de hipersensibilidade alimentar. Fonte: Besteiros (2019).



**Figura 2:** Piodermite, pele do cão avermelhada



Fonte: Clinipet (2016).

Esse prurido tende a ser caracterizado como uma sensação desagradável, que gera desconforto, levando a determinados comportamentos no animal, desenvolvendo a lambeduras, mordeduras e arranhadura na pele podendo causar o surgimento de lesões decorrentes de trauma como escoriações, alopecia, liquenificação e piodermite superficial secundária ao trauma (ALÉSSIO, 2017).

Pode haver também na hipersensibilidade alimentar urticárias, que são lesões de pele cuja principal característica é a elevação de urticas ou pápulas, que são elevações circulares, salientes e bem demarcadas, circundadas por manchas avermelhadas e inchaço e tendem a coçar (YAMAUCHI, 2021).

Já os sinais que ocorre no trato digestivo costumam ser menos comuns, porém, pode aparecer em todos os segmentos, incluindo estômago, intestino delgado e intestino grosso, pode haver uma diminuição de apetite, êmese, ruído estomacal, presença de melena ou hematoquezia e dor abdominal (CRIVELLENTI, 2015). A dor abdominal também quase sempre está presente, geralmente os cães costumam rejeitar a alimentação ou apresentar piora nos períodos próximos às refeições (DIESEL, 2017).

Os sinais clínicos da hipersensibilidade podem ocorrer de três tipos, sendo o tipo I é considerada uma reação imediata, pois ocorre num período que pode ir de minutos a horas após a ingestão do alérgeno. As reações de hipersensibilidade tipo III (mediadas por imunocomplexos IgG) e as reações de hipersensibilidade tipo IV (mediadas por linfócitos T) são classificadas como reações tardias, pois acontecem algumas horas ou alguns dias após contato com o alérgeno. (SCOTT et al., 2002).

O tipo III de hipersensibilidade tem sido responsável pelas respostas agudas intestinais que ocorrem várias horas após o animal ter se alimentado (VERLINDEN et al., 2006). Já as reações da hipersensibilidade do tipo IV (mediadas por células/tardias) não envolvem injúria mediada por anticorpos. Um antígeno (normalmente incompleto) interage com uma célula apresentadora de antígenos que o internaliza e o processa; esse antígeno processado é apresentado aos linfócitos T, que liberam linfocinas, causando danos aos tecidos (SCOTT; MILLER; GRIFFIN, 2002).

## **2.5 Diagnóstico**

Para a diagnosticar a hipersensibilidade alimentar, é necessário ser feito uma anamnese, com exames complementares como hemograma, teste cutâneo de

hipersensibilidade imediata, provocação oral, específico e total, necessários para descartar qualquer outra suspeita (OLIVRY; MUELLER, 2017).

O método diagnóstico mais utilizado consiste em fazer, uma dieta de eliminação, através do uso de uma dieta especial, que contém uma única fonte de proteína e que não tenha sido ingerida anteriormente, após isso é realizada uma dieta provocativa (SHIMAKURA; KOJI, 2021).

Primeiramente, deve-se eliminar o alérgeno ao começar uma dieta estritamente composta por alimentos inéditos (TIFFANY et al., 2019), além disso, o cão não deve ingerir nada além da própria dieta, nem petiscos, nem tiras de couro, nem brinquedos mastigáveis, por um período de oito semanas (DUNN, 2020). Com posterior exposição do animal ao alérgeno, é esperado que o animal com hipersensibilidade alimentar apresente retorno dos sinais (TIFFANY, et al., 2019). Recomenda-se, igualmente, evitar a administração de medicamentos, como vitaminas, antibióticos e antiparasitários, ou outros produtos, como cremes dentais, que levem algum sabor (LÓPEZ, 2008).

O diagnóstico é confirmado quando há uma melhoria do quadro clínico com essa dieta, que piora após exposição à anterior (CAMPOS et al., 2017). Alguns estudos que demonstram que mais de 60% dos cães expostos a dieta provocativa apresentaram prurido 12 horas após a exposição, principalmente em membros e face (SHAMAKURA; KOJI, 2021).

É possível reduzir o tempo destinado a dieta de exclusão, no caso de manejo com administração de corticosteroides que são fortes anti-inflamatórios, como por exemplo, prednisolona ou oclacitinibe ao animal na fase inicial do diagnóstico, com o intuito de controlar o prurido (CRIVELLENTI; CRIVELLENTI, 2015), administrando a dose de 0,5-1 mg / kg via oral, uma vez ao dia, por 15 dias e depois reduzir dose pela metade por mais sete dias (FISCHER, et al., 2021). Antes de tratar o animal com algum dos fármacos deve se realizar a descontinuação do seu uso duas semanas antes da reavaliação do animal, para evitar erros no diagnóstico, e o mesmo se aplica aos antibióticos utilizados, quando necessário o tratamento de infecções bacterianas secundárias (WEIS, 2011). Os autores Coutinho et al. (2020) reafirmam que os corticosteroides, também chamados de glicocorticoides, é considerada a classe farmacológica mais potente com funções anti-inflamatória, imunossupressora e antialérgica. Já Mencalha (2019), realça que o uso de corticosteroides por um longo período pode causar risco ao animal, como por exemplo o

desenvolvimento de doenças de ordem endócrinas graves, como a diabetes e a Síndrome de Cushing.

O padrão esperado para os animais com hipersensibilidade alimentar ao serem submetidos a este protocolo é uma melhora no quadro clínico, durante a dieta de eliminação (Dunn, 2019) e retorno dos sinais na dieta provocativa (TIFFANY et al., 2019) sendo possível em alguns casos, ver os sinais de melhora em torno de 15 dias após a introdução da dieta de exclusão (FERNANDES, 2005).

### **2.5.1 Dietas de eliminação**

Quando se espera ver uma regressão da sinais clínico, utiliza-se a dieta de exclusão seguida de dieta provocativa, onde o animal com hipersensibilidade alimentar apresentará uma recidiva, quando em contato com o alérgeno, sendo a fase de diagnóstico crítica, por ser demasiadamente longa e exigir do tutor, um alto nível de comprometimento (DURANTI, 2011).

Em geral, as dietas de eliminação, são constituídas de proteínas de baixo peso molecular, obtidas através da hidrólise de proteínas maiores (MASUDA, et al., 2019) e devem conter fonte restrita de proteína, baixo índice proteico, presença de nutrientes com ação imunomoduladora, tal como ácidos graxos e antioxidantes, além de vitaminas (PRIOR et al., 2021).

Independente da dieta escolhida, sendo a caseira ou a comercial, o paciente deve ser exposto a dieta de eliminação por no mínimo 8 semanas, período onde 90% dos cães apresentam melhora (DUNN, 2020), sendo desaconselhado a manutenção da dieta de exclusão por um período superior a 10 semanas, pois os resultados observados após este período seriam de pouca relevância clínica (MARTINS et al., 2022). Já em relação animais que não apresentam melhora significativa da sintomatologia clínica ao prurido, deve se avaliar a possibilidade de outras dermatites alérgicas concomitantes, como atopia e DAPE, pois frequentemente se observa as doenças ocorrendo juntas (DURANTI, 2011), ou se descarta a possibilidade de alergia alimentar (RONDELLI; COSTA, 2015).

### **2.5.1.1 Dieta caseira**

A dieta caseira é ideal, em teoria, porque significa que se pode escolher e colocar a quantidade desejada de cada ingrediente. Pode ser oferecido ao animal ao mesmo tempo uma fonte de carboidrato e uma proteína inédita (MARTINS et al., 2022). Ao se falar sobre as vantagens desse tipo de dieta, podemos citar o fato dela ser livre de aditivos alimentares e corantes além de maior controle sobre sua composição (SALZO; LARSSON, 2009). Além disso, esse tipo de dieta possui os benefícios de fornecer melhor digestibilidade, palatabilidade e qualidade das fezes quando comparada como dietas comerciais (OLIVEIRA et al., 2014).

As desvantagens do seu uso estão relacionadas a dificuldade do preparo do alimento do cão pelo tutor e sua composição pobre em nutrientes importantes para o animal, apresentando carência de vitaminas, minerais e ácidos graxos, que torna necessário a suplementação do animal, quando utilizada na manutenção (DUNN, 2020). Outra desvantagem desse tipo de dieta é o maior custo (MACEDO et al., 2018; VENDRAMINI et al., 2020) e possuem tempo de conservação curto. Ainda, deve-se prestar atenção a alimentos que possuem componentes tóxicos, e os riscos causados por esse tipo de dieta, que podem causar contaminação biológica, com destaque para a Salmonelose, toxoplasmose e as verminoses (SAAD; FRANCA, 2010).

### **2.5.1.2 Dieta Comercial**

A dieta comercial, pode ser utilizada tanto na fase de diagnóstico quanto na fase de tratamento, devido aos desafios de se implementar a dieta caseira (AMARAL; MENDONÇA, 2021). Nas alimentações comerciais temos rações que são consideradas hipoalergênicas sendo assim as proteínas são hidrolisadas, ou seja, elas acabam sofrendo uma transformação enzimática, nomeada hidrólise, divididas em polipeptídios, para que seu peso molecular seja menor e que seus fragmentos percam a sua antigenicidade, evitando assim as reações de hipersensibilidade. A digestibilidade de uma proteína hidrolisada é maior do que a de uma proteína intacta, pois os polipeptídios são mais absorvidos pelo intestino em relação aos aminoácidos livres (CAMPOS et al., 2017).

No mercado existem são encontradas várias opções de rações como Hill's™ Prescription Diet™ z/d™ Canino® (a base de frango hidrolisado) (Hill'S, 2021), Proplan sensitive skin® (composta de proteína de Salmão hidrolisada) (Purina, 2021), Hypoallergenic Canine® (composta de proteína de soja hidrolisada), Proplan sensitive skin® (composta proteína de frango hidrolisada), Vet Life Hypoallergenic® (composta de proteína de peixe hidrolisada), Equilíbrio sensitive® (feita a partir de proteína de soja hidrolisada) e Cão adulto sensitive® (composta por hidrolisado de fígado de aves e suínos) (ARAUJO et al., 2021), devendo se escolher ração do animal de acordo com os alimentos previamente consumidos pelo animal (TIFFANY et al., 2019).

Recentemente, além das dietas hipoalergênicas comumente encontradas, houve o surgimento de dietas elaboradas com base em proteínas extensivamente hidrolisadas, composta por proteínas de baixíssimo peso molecular e consequente menor capacidade de estimular o sistema imune. Um exemplo de rações que possuem proteínas extensivamente hidrolisadas é a Royal Canin Analergenic™® composta de proteína obtida a partir de penas, submetidas a intenso processo de hidrólise, e amido de milho (LESPONE, 2018), que seria menos alergênico que o farelo de milho (OLIVRY; BEXLEY, 2018).

Em relação as vantagens do uso de dietas comerciais hipoalergênicas, podemos citar a sua praticidade (AMARAL; MENDONÇA, 2021) que permite o manejo adequado do animal que deve evitar o contato com o alérgeno para manutenção da sua qualidade de vida e bem-estar (CARMO, 2018). Já em relação as desvantagens desse tipo de dieta, pode se citar a presença de aditivos, que não é tolerada por uma pequena parcela dos animais (DURANTI, 2011), baixa palatabilidade por apresentar sabor amargo e o seu elevado valor (ARAUJO al., 2021).

## **2.6 Tratamento**

O tratamento da alergia alimentar baseia-se em evitar o contato com o alérgeno, porém tanto a dieta com alimentação natural ou a de origem comercial hipoalergênica podem ser utilizadas, sendo importante ter o acompanhamento de um médico veterinário, especialmente nutricionista. Podemos destacar, dentre as possíveis formas de tratamento

a redução da carga alérgica, minimização do prurido com terapia tópica e sistêmica e a imunoterapia (SALZO, 2016).

Além disso, o tratamento vai consistir em fazer o controle de ectoparasitas regularmente e evitar alimentos identificados na dieta de eliminação e confirmados no teste de provocação, sendo utilizada na manutenção prolongada a dieta caseira, que deve ser nutricionalmente adequada, ou as rações hipoalérgicas (JUNIOR, 2015). Porém vale ressaltar que na dieta caseira deve adicionar suplementos minerais, vitaminas e ácidos graxos essenciais, para garantir uma alimentação balanceada (MENCALHA, 2019). Além disso, no preparo de dietas caseiras, mesmo em animais que não tiveram contato prévio com carne bovina e ovina, não se deve incluir essas fontes de proteína, na fase de diagnóstico ou tratamento, pois ambas são implicadas em reações cruzadas de hipersensibilidade com maior frequência (BAUMANN et al., 2020).

Já as rações hipoalérgicas acabam causando problemas, mesmo que as proteínas incluídas nestas dietas apresentam menor peso molecular, ainda seriam capazes de estimular atividade dos linfócitos T, principalmente nos cães sensibilizados a antígenos oriundos de aves (MASUDA, et al.; 2019). Além disso, as rações comerciais geralmente são acrescidas de aditivos químicos os quais mantêm as características desejáveis do alimento como cor, sabor, textura, estabilidade e resistência à deterioração (HONORATO et al., 2013; Craig, 2021). Apesar do aporte legal da utilização de tais aditivos, muitos tutores e pesquisadores consideram que estes possam causar efeitos nocivos à saúde animal, embora há poucos estudos disponíveis para substanciar ou refutar essas suspeitas (CRAIG, 2021).

### **3. Considerações finais**

Com este estudo evidenciou-se que a hipersensibilidade alimentar é uma afecção que causa uma reação adversa a um antígeno alimentar trazendo um problema nutricional também provocando uma desordem cutânea ao animal, e atualmente o método mais confiável para fazer o diagnóstico definitivo é a dieta de eliminação, e o tratamento se baseia basicamente em evitar o contato com o alérgeno, o prognóstico é bom desde que o animal seja mantido longe do alérgeno podendo ser tanto por uma dieta natural ou comercial.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. P. *et al.* Dermatite alérgica alimentar em cães. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 08, p. 76325-76338, 2021. Disponível em: [https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/33810/pdf?\\_\\_cf\\_chl\\_tk=eMqoFtmoJ5W7luGSsb51kT.QW2FCH9NvHNaz3QR3pZg-1660613978-0-gaNycGzNCRE](https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/33810/pdf?__cf_chl_tk=eMqoFtmoJ5W7luGSsb51kT.QW2FCH9NvHNaz3QR3pZg-1660613978-0-gaNycGzNCRE). Acesso em: 15 mai. 2024.

ALCALÁ, C. O. R. **Avaliação do teste de puntura, dieta restritiva e desafio dietético no diagnóstico da alergia alimentar em cães com dermatite atópica.** 2019. 73 f. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Escola de Ciências da Vida.

AMARAL, L. R. S.; MENDONÇA, J. F. M. **Dermatite trofoalérgica em cão da raça maltes** – relato de caso. Juiz de Fora, 2021.

ANGELO, N. G. D. S. **Hipersensibilidade alimentar em cão: relato de caso.** Uberlândia, 2022. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcajpcgclefindmkaj/https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/37030/1/HipersensibilidadeAlimentaremCao.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2024.

ARAUJO, A. P. *et al.* Dermatite alérgica alimentar em cães. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.8. Curitiba, 2021.

BAUMAN, S. A.; FRIEZ, C.; MULLER, R. S. Food antigen-specific IgE in dogs with suspected food hypersensitivity. *Veterinary Dermatology*. **Revista Tierarztl Prax Ausg K Kleintiere Heimtiere**. MEDLINE. Biblioteca Virtual em Saúde., 2020.

BESTEIROS, M. **Dermatite canina: tipos, causas e tratamento.** Perito animal, 2019. Disponível em: <https://www.peritoanimal.com.br/dermatite-canina-tipos-causas-e-tratamento-22555.html>>. Acesso em: 06 jun. 2024

**OLIVEIRA, Rebeqa; COSTA, João Pedro; PRADO, Breno; GUEDES, Elizângela; ALMEIDA, Savio; ALVES, Breno. Hipersensibilidade Alimentar em Cães.**

---

CAMPOS, A. C. C. et al. **Reação alimentar adversa em cães.** Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa, 36 f. 2017.

Disponível em: <https://recil.ensinulusofona.pt/bitstream/10437/8686/1/Rea%C3%A7%C3%B5es%20Alimentares%20Adversas%20em%20C%C3%A3es.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2024.

CENTURIAO, Carolina Aparecida Garcia. **Dermatite alérgica alimentar em cães.** Dourados, 2022. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/55335/1/CAROLINA\\_CENTURI%C3%83O.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/55335/1/CAROLINA_CENTURI%C3%83O.pdf). Acesso em: 11 abr. 2024.

COUTINHO, Iolanda Alen et al. Hipersensibilidade a corticosteroides-Uma revisão. **Revista Portuguesa de Imunoalergologia**, v. 28, n. 3, p. 149-160, 2020.

CLINIPET. **Piodermite bacteriana canina.** Clínica veterinária, 2016. Disponível em: <https://clinipet.com/Artigo/listar/piodermitebacteriana> Acesso em: 06 jun. 2024

CRAIG, J. M. Additives in pet food: are they safe? **Journal of Small Animal Practice**, p. 1-12, 2021.

CRIVELLENTI, L. Z.; CRIVELLENTI, S. B. **Casos de rotina em medicina veterinária de pequenos animais.** São Paulo, 2ª edição, MedVep, 2015.

DURANTI, R. G. **Dermatite trofoalérgica (alergia alimentar) em cães – revisão de literatura.** Porto Alegre, 2011. 43 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)- Pontifícia Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DUNN, S. **Development and Management of Canine Adverse Food Reactions and its Connections to the Grain-Free Dog Food Movement.** Liberty University.2020. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpaj>

**OLIVEIRA, Rebeqa; COSTA, João Pedro; PRADO, Breno; GUEDES, Elizângela; ALMEIDA, Savio; ALVES, Breno. Hipersensibilidade Alimentar em Cães.**

---

pcgclefindmkaj/https://digitalcommons.liberty.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2020&context=honors. Acesso em: 04 mar.2024.

DIESEL, A. Cutaneous hypersensitivity dermatoses in the feline patient: a review of allergic skin disease in cats. **Veterinary Sciences**, v. 4, p. 1- 10. 2017. Disponível em:https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5606602/. Acesso em: 21 abr. 2024.

FERNANDES, M. E. **Alergia alimentar em cães**. São Paulo, 104f, 2005.Trabalho de conclusão de curso (Mestrado)- Universidade de São Paulo.

HNILICA, K. A. **Livro Dermatologia de pequenos animais Atlas Colorido e Guia Terapêutico**. 4ª Ed. Elsevier, 2018.

HILL'S. Disponível em: < https://www.hillspet.com.br/> Acesso em: 23 mai. 2024.

HONORATO, T. C., BATISTA, E., NASCIMENTO, K. O. & Pires, T. Aditivos alimentares: aplicações e toxicologia. *Revista Verde*, 8(5), p.1-11, 2013.

JACKSON, H. A. Food allergy in dogs - clinical signs and diagnosis. **European Journal of Companion Animal Practice**, Paris, v. 19, n. 3, p. 230-233, dec. 2009.

JÚNIOR, S. H. C. et al. Manejo nutricional de cães e gatos domiciliados em São Luís– Maranhão. **Pubvet**, v. 15, p. 162, 2020.

LESPONE, I.; NAAR, J.; PLANCHON, S.; SERCHI, T.; MONTANO, M.; DNA and Protein Analyses to Confirm the Absence of Cross-Contamination and Support the Clinical Reliability of Extensively Hydrolysed Diets for Adverse Food Reaction-Pets. **Veterinary Sciences**. v.5, n.3, p.63, 2018.

LÓPEZ, J. R. Dermatitis y reacciones adversas a los alimentos. **Revista Electrónica de Veterinaria**. Málaga, v. 9, n. 5, p 1-16, 2008. Disponível em:

**OLIVEIRA, Rebeka; COSTA, João Pedro; PRADO, Breno; GUEDES, Elizângela; ALMEIDA, Savio; ALVES, Breno. Hipersensibilidade Alimentar em Cães.**

---

<<http://www.veterinaria.org/revistas/redvet/n050508/050808.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

MACEDO, H. T., PEDRINELLI, V., FRAGOSO, R. M. ET AL. Alimentos não convencionais para cães e gatos. **In: Novos desafios da pesquisa em nutrição e produção animal.** p. 90-95, 2018.

MASUDA, K.; SATO, A.; TANAKA, A.; KUMAGAI, A.; Hydrolyzed diets may stimulate food-reactive lymphocytes in dogs. **The Journal of Veterinary Medical Science.** v.82, n.2, p.177-183, 2019.

MENCALHA, R. N. Atlas de dermatologia em cães e gatos – de A a Z. Curitiba, 1ª ed., **MedVep**, 2019.

MUELLER, R. S.; OLIVRY T. Critically appraised topic on adverse food reactions of companion animals (2): common food allergen sources in dogs and cats. **BMC Veterinary Research.** v.12, n.9, 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4710035/>>. Acesso em: 26 abr.2024.

OLIVRY, T.; MUELLER, R. S. Critically appraised topic on adverse food reactions of companion animals(3): prevalence of cutaneous adverse food reactions in dogs and cats. **BMC Veterinary Research.** v.13, n.51, 2017. Disponível em: <https://bmcvetres.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12917-017-0973-z>. Acesso em: 26 abr.2024.

OLIVRY, T.; BEXLEY, J. Cornstarch is less allergenic than corn flour in dogs and cats previously sensitized to corn. **BMC Veterinary Research.** . v.14, n.1,p.207, 2018.

OLIVEIRA, M., BRUNETTO, M., DA SILVA, F. et al. Evaluation of the owner's perception in the use of homemade diets for the nutritional management of dogs. **Journal of Nutritional Science,** v.25, n.3, p.e23, 2014.

**OLIVEIRA, Rebeqa; COSTA, João Pedro; PRADO, Breno; GUEDES, Elizângela; ALMEIDA, Savio; ALVES, Breno. Hipersensibilidade Alimentar em Cães.**

---

PRÉLAUD, P.; HARVEY, R. Nutritional dermatoses and the contribution of dietetics in dermatology. In: PIBOT, P.; BIOURGE, V.; ELLIOT, D. (Ed.). **Encyclopedia of canine clinical nutrition**. 4<sup>th</sup> ed. Aimargues: Royal Canin, 2006. cap. 2, p. 61-95.

PRIOR, V. D. R.; BURDULIS, P. B. F.; Dietas hipoalergênicas e sua importância no tratamento de cães. **3º SIEPE**. 2021.

PURINA. Disponível em: < <https://www.purina.com.ar/>>. Acesso em: 24 de mai. 2024.

ROBLES, L.; PRIEFER, R. Lactose intolerance: What your breath can tell you. **Diagnostics**, v. 10, n. 6, p. 412, 2020.

RONDELLI, M. C. H.; COSTA, M. T.; Dermatologia. In: CRIVELLENTI, L. Z.; CRIVELLENTI, S. B.; Casos de rotina em medicina veterinária de pequenos animais. 2 ed. Editora **MedVet**. São Paulo. 2015.

ROUDEBUSH, P.; GUILFORD, W. G.; JACKSON, H. A. Adverse reactions to food. In: HAND, M. S. et al. (Ed.). **Small animal clinical nutrition**. 5<sup>th</sup> ed. Missouri: Mark Morris Institute, 2010. cap. 31, p. 609-625.

SAAD, F.M.O.B e FRANÇA, J. Natural foods for dogs and cats. **Revista Brasileira de Zootecnia**. v. 39, n. 1, p. 52-59, 2010.

SCOTT, W. D., MILLER, H. W., & GRIFFIN, C. E. Muller & Kirk's: **Dermatologia en Pequeños Animales** (6<sup>a</sup> Edição ed.). Buenos Aires - Argentina: Editora Inter-Médica, 2002.

SHAMAKURA, H.; KOJI, K.; Results of food challenge in dogs with cutaneous adverse food reactions. **Vet Dermatol**. v. 32, n.3, p. 293-e80, 2021.

SALZO, P. S.; LARSSON, C. E.; Hipersensibilidade alimentar em cães. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, v.61, n.3, p.598-605. São Paulo, 2009.

**OLIVEIRA, Rebeqa; COSTA, João Pedro; PRADO, Breno; GUEDES, Elizângela; ALMEIDA, Savio; ALVES, Breno. Hipersensibilidade Alimentar em Cães.**

---

SILVA, I. S. **Hipersensibilidade alimentar em cães.** Brasília, DF: 2022. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)- Centro Universitário Central Aparecido dos Santos Uniceplac. 2022. Disponível em:chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglcleftindmkaj/https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/123456789/1983/1/Isabela%20Soares%20da%20Silva.pdf.Acesso em: 20 mai. 2024.

TIFFANY, S. et al. Assessment of dog owners' knowledge relating to the diagnosis and treatment of canine food allergies. **Can Vet J.** v.60, n.3, p. 268-274, 2019.

TIZARD, I. R. **Imunologia veterinária.** 10º ed. p. 1217. Rio de Janeiro: GEN/Grupo Editorial Nacional. Editora Guanabara Koogan Ltda., 2019.Disponível em: com.br/reader/books/9788535292053/epubcfi/6/56[%3Bvnd.vst.idref%3DB978853529204600020X]!/4/2/12/16[s0065]/8[s0070]. Acesso em: 15 abr. 2024.

VERLINDEN, A. et al. Food allergy in dogs and cats: a review. **Critical Reviews in Food Science and Nutrition,** Boca Raton, v. 46, n.3, p. 259-273, 2006.

WEIS, M. **Hipersensibilidade alimentar em cães – revisão de literatura.** Porto Alegre, 2011, 32 f. Repositório. Universidade Federal Rural Do Semi-Árido do Rio Grande do Sul, 2011.